



Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário * 30 de Dezembro de 1978 * Ano XXXV — N.º 908 — Preço 2\$50

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo



Félix, mais conhecido por «Cigano», é um caso típico da nossa Comunidade de Paço de Sousa. Onde haja problemas..., aí está o Félix! No alvorecer de 1979, còdea na mão, ele afirma, à sua maneira, como desejaria todas as crianças do mundo (subalimentado) pudessem ter pão.

A OBRA DA RUA

Gosto de lhe contar os anos pelos Salmos.

A Obra da Rua foi um cântico que Deus inspirou a Pai Américo. Tudo o que ela é se pode resumir num hino de acção de graças e de súplica, posto por Deus na boca de um homem para O louvar, Lhe agradecer e Lhe pedir auxílio; e para confessar diante dos homens que não há outro fundamento para a Esperança senão Ele. Canto composto de palavras e obras para ser tomado e repetido por outros homens, por muitos de coração sincero, a quem Deus ama e de quem Se digna receber amor; amor que O não acresce (Ele é o Infinito Amor!) mas faz crescer na Verdade e na Justiça aqueles que O proferem e os configura à Imagem d'Ele — a autenticidade que compete ao Homem. A confiança em Deus e a Sua glorificação pelos homens redundam em seu favor.

Pai Américo soube-o profundamente: Só Deus é Amor; e só amando-O o Homem aprende a amar. Quem dividir os dois amores, decepa o amor. Por isso ele foi tão fecundo no amor dos homens: porque muito amou a Deus.

Trinta e nove anos completa em 7 de Janeiro a Obra da Rua. Que retrato fiel da sua alma, lhe traça o Salmo 39!:

«Em misteriosa ansiedade, esperel o Senhor e Ele debruçou-Se sobre mim: ouviu o meu clamor

e arrancou-me da profundidade da miséria, da [lama imunda;

estabeleceu os meus pés sobre pedra e firmou os meus passos; e pôs na minha boca um cântico novo, hino ao nosso Deus.»

(...)

«Então, eu disse: — Eis-me.

No Teu livro está escrito de mim que faça a Tua vontade.

Meu Deus, eu quis

e Tu inscreveste a Tua Lei no meu coração.»

Pois eu identifico a alma da Obra com a do seu fundador. Este excerto do Salmo é o itinerário de uma vida escondida, não desperdiçada — uma longa preparação digna do grande encontro do Homem consigo mesmo, que só acontece quando ele se encontra com o seu Deus.

«Exspectans, spectavi...» — quem é capaz de traduzir este estado de expectativa, prenhe de inquietação e de desejo de posse... até que se defina o objectivo que satisfará: «Dominum?! É uma aurora radiosa para o Homem, que lhe vem de Deus: Ele olha, Ele escuta, Ele liberta, Ele firma; e põe na boca do ex-ansioso um canto exultante: Achei...!

Então é a sua vez: «Eis-me». Eu quis-Te antes de saber a quem queria. «Por isso inscreveste a Tua lei no mais íntimo de mim.» E agora quero-Te conscientemente. Sei a Quem quero.

«Eis-me». Envia-me.

«Feliz o homem que considerou o Senhor a sua Esperança e não deu atenção aos soberbos nem aos que deslizam para a mentira.»

Trinta e seis anos demorou esta preparação em Pai Américo até ao instante da «martelada». Depois mais cinco até ao nascimento sacerdotal. E ainda mais onze até que desse à luz a Obra da Rua. Quem duvidará da sua firmeza, com tais allicerces, mau-grado a «fragilidade das nossas misérlas»?! Fragilidade que persiste apesar da revelação, da firmeza que Ele dá, da alegria que semeia no coração de quem O ama. Pai Américo bem o sabia. Bem prevenidos nos deixou. Nem foi diferente com o salmista, apesar das muitas maravilhas que Deus lhe fez e ele cantou:

«Tu, porém, Senhor, não desvies de mim a Tua compaixão. A Tua misericórdia e a Tua verdade sempre me acolham. Porque me cercaram males incontáveis

AQUI, LISBOA!

«A primeira coisa que desqualifica um chefe é desejar sê-lo. A maior prova de não saber mandar é querer mandar.» (Pai Américo)

Nem todos nasceram para ser chefes e nem todos têm capacidade para o ser. Infelizmente, por motivações várias, há em Portugal muita gente convencida de que nasceu para ser chefe e que tudo faz para ocupar as posições-chaves de decisão e de mando. Os resultados estão à vista: à força de tanta gatinha a querer dar ordens, procurando subir nos bicos dos pés, acaba-se sempre por nada se fazer de válido, na anarquia e no descalabro, com os maiores despotismos e descaradas injustiças. Em vez de se disporem a servir, servem-se,

quanto mais não seja alimentando o seu egocentrismo e a sua vaidade, que os faz ver como únicos e insubstituíveis.

Ao sair deste número de «O Gaiato», mais um ano estará quase passado e outro pronto a descortinar no horizonte. Seria ocasião de fazermos o balanço do que foi 1978 e das ansiedades ou desejos para 1979. Durante todas as quinzenas, à excepção de uma, fomos dando aqui contas da nossa vida, dos problemas e preocupações que nos pareceram mais candentes, das nossas as-

pirações e dos nossos sofrimentos e alegrias. O leitor assíduo e interessado ter-se-á apercebido de tudo, embora, quanto mais não seja, por processos indutivos ou por dedução fácil, podendo assim comungar do nosso dia a dia. Para o ano que chega outra coisa não desejaríamos que não fosse continuarmos a servir, sem reticências ou calculismos, todos os jovens que até nós chegam, na fidelidade à Igreja, de que a Obra do Padre Américo é

Cont. na 4.ª pág.

Continua na QUARTA página

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

Quase todos os anos, consoante as disponibilidades, procuramos também dar a mão a crianças do Ensino Básico que lutam com dificuldades na aquisição de material escolar, responsabilizando os agentes de Ensino pela análise dos casos e distribuição do material.

Temos sido correspondidos.

Há motivos para agir assim. Na verdade, quando alguém se mexe como voluntário em acções que reponham Justiça, a maioria queda-se ou furta-se, burguêsmente, «a ver passar a banda» — ou a «criticar» — como se o repoveiro dos Pobres seja um funcionário público e só ele, e mais ninguém, tenha a obrigação de procurar resolver as dificuldades dos Outros.

Esta falsa mentalidade tem ganho adeptos em determinados meios, particularmente onde o Evangelho é encaixilhado contra a metodologia do Senhor Jesus. Todo o cristão é responsável pelas carências do seu Irmão!

Nem tudo são espinhos:

Recentemente, em visita a um deficiente, agora que o frio aperta, chega atrás de nós um vizinho com uma botija de água quente para o paciente! Pede licença. Entra. Desembrulha a vasilha. Abre a cama. Pousa a dita no lugar.

Não abrimos a boca, enquanto o samaritano procede ao trabalho, com dedicação igual a um dos seus, da sua carne. Seria profanar.

Cumprido o *dever*, silenciosamente, religiosamente, o samaritano despede-se com o mesmo recato. Não sem perguntar directamente ao Pobre se desejaria algo mais, apesar do lusco-fusco, quase noite cerrada!

Indagámos, depois, como tem acontecido. O Pobre revela, então, à sua maneira, que é assim todos os dias: o homem chega do comboio, come o caldinho, a mulher aquece a água, prepara a botija e, a seguir, é o que aí vai, sem tirar nem pôr.

Aquele proletário, cansado de um dia de trabalho intenso no grande Porto, poderia enfiar-se logo na cama após o jantar. Não senhor! Ainda vai dar calor ao Próximo — por suas mãos!

Que homem feliz! Que noite tranquila, mau grado as naturais dificuldades — que as tem — pois vive exclusivamente do seu trabalho braçal!

A gente vê por aí tantos *profetas*, com ou sem gravata, com ou sem camisa desapertada — com tanto palavreado na guelra! A gente vê por aí tantos homens que passam... e andam..., mais interessados na sua e na vida dos seus, e da sua ideologia, mas não dobram a espinha nos Pobres; como se a resolução dos problemas graves só acontecerá pela varinha mágica de *planos e programas...* teóricos, num País tão carenciado, como o nosso, em que todos não somos demais para promovermos fraternalmente os Pobres.

PARTILHA — Presença da assinante 30421 «por alma do meu sa-

doso marido). Amadora, 250\$00 «para aqueles que tanto precisam da solidariedade humana». O costume dos Amigos de D. António Barroso. O dobro da rua Rodrigues Cabrilho, Lisboa: «Faz hoje precisamente 8 anos que o nosso filhinho partiu para o Céu». Farmacêutica amiga, de Rio Tinto, com um remanescente de contas. «Velha amiga», de Lisboa, nunca falta. Ainda da capital, mais 204\$00 da rua Francisco Sanches. Porto, 200\$00 da rua Azevedo Coutinho. De Tavira um vale do correio «para o que for mais necessário». Contas em ordem «e o restante para os Pobres», ordena a assinante 8451, de Gaia. Mil de Marta. 100\$00 da assinante 18794. O dobro da rua Conceição Fernandes, Gaia. Mais 100\$00 da assinante 19177, entregues no Lar do Gaiato no Porto.

Para os casos de Auto-construção, que correm por nossas mãos, temos várias partilhas; entre as quais uma de Castelo Branco, com oportunidade cristã, advertindo: «Se já não for necessário este donativo (oxalá isso acontecesse) poderá ser aplicado naquilo que for mais urgente». Na hora em que escrevemos vamos distribuir mais «pequenos auxílios» por três famílias à espera de, telhado: 15 contos.

Rua da Lapa, Lisboa, 200\$00. Assinante 17929, 150\$00 «destinados ao Natal dos nossos Irmãos». Mimosa, do Porto, 250\$00. Um Capitão do Exército Português manda o seu contributo por vale do correio. Rua de Cedofeita, Porto, 200\$00. «Para que a Conferência torne menos frio o Natal de um Pobre», 500\$00 do Fundão. S. Mamede de Infesta, 250\$00. O dobro de Costa de Castelos. «Por alma de Helena e João», 2.000\$00. No «aniversário da morte de meu Marido e sufragando a sua alma», 400\$00 da assinante 26755. Metade da assinante 25205. E 500\$00 de uma Visitante, de Lisboa, que aparece assiduamente.

Resta-nos agradecer — e retribuir — os votos de santo Natal e Ano Novo que muitos nos enviaram.

E, em nome dos Pobres, muito obrigado pela vossa presença.

Júlio Mendes

Miranda do Corvo

AR PURO — Aos fins de semana quando não calha ir por terras do Centro distribuir a mensagem que recheia o nosso jornal, a carrinha vai até Coimbra e traz todos os estudantes que estão no nosso Lar. É na Casa-mãe, em Miranda do Corvo, que nós vamos tomar contacto e vamos saborear o real numa Natureza pura.

É por isso que todos nós gostamos de trocar, quinzenalmente, os ares buliçosos da cidade pelos ares puros do campo.

AULAS — Estamos a poucos dias da quadra natalícia, quer isto dizer que o primeiro período escolar está a findar.

Como a vida está, actualmente nada se faz sem um certo grau de cultura. Assim, este ano foi também

dada a oportunidade aos nossos rapazes que trabalham, de estudarem à noite. Alguns aceitaram, cientes dos benefícios que possam ter na vida futura. Outros não, talvez por idealizarem outros horizontes mais materialistas.

Espera-se que, no fim deste período escolar, o aproveitamento seja satisfatório.

PORCOS — Mais uma vez fomos prejudicados por nova epidemia que surgiu nos nossos suínos. Tentámos o impossível para salvar muitos deles, mas já não havia remédio. Morreram todos! Enfim, apesar das contrariedades que a vida nos traz, há que não desanimar, antes pelo contrário, lutar cada vez mais.

AGRICULTURA — O Inverno chegou e trouxe alguns benefícios para as nossas actividades agrícolas. Assim começámos por semear a erva no «poço novo», depois semeámos nabos e favas e plantámos couves, esperando assim bom fruto do nosso trabalho. Entretanto, se é verdade que por um lado a chuva é benéfica às culturas, por outro lado é verdade que a chuva prejudica também as nossas actividades agrícolas.

Entretanto, nesta altura da época, as nossas atenções estão viradas para a azeitona. Assim, começámos a apanhar da azeitona no olival do campo mirandense e aqui a azeitona tinha bom aspecto mas não sabemos como irá ser nas outras terras. Há muito pouca.

Apesar de acossados pela chuva, o nosso entusiasmo nunca diminuiu.

Jorge Calmeiro

Paço de Sousa

INSTRUMENTOS MUSICAIS — Já cá temos o nosso órgão «Farfisa» que muito veio completar a música do nosso Conjunto.

Entretanto temos recebido algum dinheiro. De Guimarães: «Mando 720\$00 do abono de família dos nossos 3 filhos, do último mês. Como eles ultimamente não se têm entendido muito bem entre si, o

que muito nos desgosta, disse-lhes que o dinheiro do abono de família que costuma ser depositado na conta bancária de cada um, seria enviado para a Casa do Gaiato com o pedido de uma oração pelo seu melhor entendimento, depois de lhes ter lido uma passagem do vosso jornal em que há tempos referia um caso idêntico e com o destino que acharem conveniente: para os instrumentos musicais, por exemplo.

Que o Senhor abençoe todos os que se dedicam à grande Obra dos Rapazes para que amanhã sejam os verdadeiros e necessários Homens de que Portugal tanto necessita».

Do Porto, Rua de Trás, 100\$00; 100\$00 de Alcoentre; Rua Azevedo Coutinho, Porto, 300\$00.

Um agradecimento a todos os nossos amigos que até agora têm atendido o nosso apelo.

AGRADECIMENTO — Do Ernesto Teixeira recebemos uma carta de agradecimento pela publicação do seu poema «Escuridão e Luz».

Vamos ler a sua carta com ideias fantásticas:

«Quería agradecer-lhes a honra que me concederam, publicando no vosso O GAIATO a minha poesia «Escuridão e Luz». Eu dirigiria o meu agradecimento, de um modo especial, ao «Marcelino», por ser ele o habitual porta-voz das colunas onde a minha poesia teve a honra de ser publicada.

Envio-vos a letra de mais uma canção bastante conhecida (Soy Latino Americano).

Tenho uma sugestão para vos dar, que é a seguinte: Do mesmo modo que vocês editam um jornal e, através da vossa Editorial, editam livros, eu creio que seria um desafio ao futuro, criarem as condições necessárias para, oportunamente, virem também, a editar gravações do vosso Conjunto musical. Não sei até que ponto este projecto será, ou não, viável, pelo menos a curto prazo. No entanto, eu creio ser um projecto digno de reflexão e estudo, até porque, juntamente com O GAIATO e com os vossos livros, seria uma nova forma de presenteardes os vossos assinantes, oferecendo-lhes um leque cada vez mais vasto de aproximação com vocês.»

ACTIVIDADES MUSICAIS E TEATRAIS — No dia 17 deste mês fomos convidados a participar numa festa de Natal na fábrica de fibras especiais CIFA.

Houve alegria, animação e boa disposição.

A aparelhagem de vozes era muito fraquinha para a sala; é preciso uma melhor! Quanto ao comportamento do público, como na maioria eram crianças, foi difícil obter o silêncio preciso para que uma peça teatral se realizasse.

No final foi o Conjunto musical. Tudo correu bem, só a aparelhagem de vozes era fraquinha e, sem isso, nada feito.

Também nos quiseram presentear com matéria por eles fabricada e um delicioso lanche que veio mesmo a condizer com a festa.

Um obrigado especial a todos quantos ajudaram na realização desta festa de Natal.

ACTIVIDADES DESPORTIVAS — Vão realizar-se as Provas de S. Silvestre no dia 31 de Dezembro.

Programa: 15,30 h — 1.500 metros — para atletas até aos 13 anos.

16 h, 1.500 metros femininos; 16,30 h, 3.000 metros para atletas até aos 16 anos; 21,30 h, 13.000 metros, prova destinada a todos os atletas. Nesta prova há classificação por equipas. 23,45 h, pequena festa com distribuição de prémios.

As inscrições serão feitas até ao dia 25 de Dezembro.

Continuamos a apelar para a boa compreensão dos clubes de futebol ou pessoas ligadas ao Desporto. Estamos necessitados de sapatilhas, equipamentos, bolas, etc. O nosso desporto não pode parar, têm que ir mais além!

«Marcelino»

Tojal

1.º DE DEZEMBRO — No passado dia 1 de Dezembro, dia em que muitos dos entendidos na matéria aproveitaram para sair à rua apreçoando o aumento do custo de vida e a lei da Reforma Agrária, nós, por cá, aproveitámos o tempo de maneira diferente. Logo pela manhã, concentrámo-nos no largo do cruzeiro, a fim de tomarmos as devidas instruções como deveria ser o ataque e partimos por ali abaixo até ao olival (decerto que já estão a imaginar o filme...).

Os mais velhos foram à frente deitando abaixo as «lúgubres» azeitonas e atrás os mais pequenos, divididos em grupos, iam apanhando os pequenos frutos drupáceos, que irão dar origem ao «caldinho de Inverno» de que todos nós necessitamos.

Assim, sempre com um sorriso na face, fizemos aquilo que não podemos esperar que outros venham fazer por nós.



É o Victor a «cortar» a meta.



TRIBUNA DE COIMBRA

A nossa volta já há sinais de Natal. Nestes dias fomos a Aveiro ao bacalhau e a um matadouro de Coimbra à carne de porco. Ao fazermos as contas tínhamos gasto quarenta e cinco contos. Estremecemos.

As nossas pocilgas ficaram outra vez vazias pela peste suína, apesar dos nossos cuidados. Tem-nos valido um Amigo da Nazaré com o saboroso peixe que nos tem oferecido. As nossas galinhas têm sido um pouco preguiçosas.

A arca estava vazia e agora ficou composta a dar para as festas desta quadra. O nosso estremececer terá a compensação da alegria que iremos viver. Queremos que à mesa de nossa Casa também seja Natal.

Ao darmos notícia do nosso estremeção, também queremos partilhar convosco as presenças dos últimos cinco meses e meio, presenças que nos animam a viver.

Castelo Branco com 100\$00; 5.000\$00 pelo pároco de S. Martinho do Porto; os vales mensais de Vilar Formoso; ofertas para o Calvário; 50\$00; vales de Lisboa; 100\$00 de visitantes; 250\$00 que Senhora levou ao Lar; 1.000\$00 que fomos buscar; 1.000\$00 por alma da Esposa sempre Amiga; 1.000\$00 de antigo companheiro; 100\$00

de visitantes; 100\$00 e 40\$00 mensais a vendedor; ofertas para Missas que os vendedores de Leiria entregam; 2.000\$00 de sacerdote visitante; 50\$00 de Avô; 422\$50 de jovens de Paião; 1.000\$00 e a visita do Club Académico e a simpatia que ficou em todos. 5.000\$00 de sacerdote a pedir a «Bênção de Deus»; 1.500\$00 a recordar a Mãe; 1.000\$00 e roupas que Senhora levou ao Lar; 500\$00 levados ao Lar; 200\$00 em vale de Cebolais e cheque da mesma terra; mil e vinte e mais cinquenta deixados em nossa Casa; 100\$00 depositados no Banco; 1.000\$00 de anónima de Brasfemes; cem em cheque de O. de Azemeis; 50\$00 em carta; 50\$00 mais 500\$00 na Praia de Mira; ofertas por Paço de Sousa.

2.000\$00 de casal emigrante, 1.000\$00 de Senhora francesa, fruta e carne, 500\$00 mais 200\$00 na minha aldeia; várias ofertas que Senhora costuma entregar à porta da igreja dos franciscanos; 200\$00 a vendedor; 200\$00 em carta da Figueira; 500\$00 em vale; 1.000\$00 para a Auto-construção, 500\$00 das Amiguinhas, 100\$00, prestação mensal, 100\$00, 500\$00 em vez de promessa; 20\$00, cem, 100\$00 de mãe agradecida, trezentos, 1.000\$00 a pedir nossa

oração — tudo na Casa do Castelo; 3.000\$00 que sacerdote veio trazer; 500\$00 em cheque; cem de rapaz nosso; todas as ofertas que nos entregaram no Verão nas igrejas por onde passámos.

4.000\$00 do Governo Civil de Coimbra; 5.000\$00 da Câmara de Coimbra; 200\$00 em vale da Amadora; 4.000\$00 que nos deixou Amiga que o Senhor levou; 500\$00 de rapaz nosso; 500\$00 de sacerdote; 550\$00 de oficina de mármore; 300\$00 mais 200\$00 de Castelo Branco; 140\$00 de visitantes de Lisboa; 200\$00 de visitantes; 550\$00 em vale de Espinhal; 500\$00 de visitante; anónima mensal de Miranda; 100\$00 mais 100\$00 mais 80\$00 de visitantes; 200\$00 de Amigas de Vila Nova; 500\$00 de sacerdote; 1.000\$00 levados ao Lar; 1.000\$00 de sacerdote em sua casa; 500\$00

pelas Almas; 200\$00 num abraço amigo; 500\$00 em cheque; 200\$00 e roupas; 100\$00 de Maria Alice; 7.125\$70 que Abílio e Graça Maria vieram trazer; 13.167\$00 do 1.º ordenado do nosso Zé; 250\$00 dum dos nossos. É sempre muito maior a nossa alegria pela presença, embora as suas ofertas sejam sinal que também os amarra à família.

1.000\$00 em vale, de San Diego; 250\$00 em vale; 1.000\$00 a pedir nossa intenção de altar; 1.750\$00 — pequenas ofertas deixadas na igreja de Santa Cruz; 500\$00; 500\$00 em carta; 108\$00 mais 600\$00 mais 500\$00 mais 100\$00 mais 200\$00 mais 150\$00 na Casa do Castelo; 1.000\$00 que Senhora levou ao Lar; muitos colchões usados do Hotel Mondego; cadeiras e prateleira de barbearia da Figueira; 500\$00 e roupas e 200\$ de visitantes dos Cabaços; 200\$ mais 100\$00 mais 100\$ de visitantes; 500\$00 de anónima; 100\$00 ao vendedor de Tortosendo; mais um cheque; mobílias, brinquedos e dinheiro que fomos buscar.

1.000\$00 que vizinho entre-

gou na igreja; vale do Espinhal; outro cheque; carta; 1.000\$00 da primeira reforma; 500\$00 do primeiro ordenado da filha; «a última lembrança de Nata» de professora muito amiga que o Senhor veio buscar; cheque levado ao Lar; um cheque com esmolas das Alminhas da Aldeia; cheque de bom Amigo da Mealhada; 300\$00 de Miranda; 100\$00 na caixa do correio; 100\$00 em vale da Trofa; vale de Barcelos; 2.680\$00 dos Empregados do Banco Nacional Ultramarino; a prestação do aumento da reforma de dois dos C.T.T.; 500\$00 dum nosso na igreja; um casal muito Amigo da Covilhã não podia deixar de vir; 1.000\$00 que um nosso veio trazer; 1.000\$00 em vale dum dos nossos; 1.000\$00 de grande Amiga agora no leito de dor; 250\$00 da Auto Industrial; cheque do Luso; cheque deixado por Professora que foi para a Costa de Marfim; cheque de Senhora de Lisboa que passou.

Para todos os nossos votos de Boas Festas.

Padre Horácio

O nosso PADEIRO

Alguns dos nossos rapazes mais velhos que trabalham no Porto, vêm à noite jantar a Casa. A comida nem sempre está quente, nem fresca. E nem sempre o pão está à mão.

Há dias, mandaram chamar o padeiro. O padeiro não aparece. Eu sabia que a fechadura da padaria tinha sido violentada por alguém que gostaria de comer pão, no silêncio da noite. Por instinto, vou à padaria, ouço um ruído e pergunto quem é.

— Sou eu — o padeiro.

— Aqui, agora?!

— É por causa dos do estu-

Lá me fui dali em bicos de

pés, para não espantar a «caça» daquele caçador. Melhor do que eu, ele a conhece. A noite estava escura e fria. Aquela hora, uns viam o «Astro»; outros estudavam. E o padeiro, em vigília. Quem havia de dizer?!

Fui contar aos que pediam pão e dizer-lhes para não dizerem nada. Eles riram-se e eu também.

A padaria, em nossas Casas, tem uma importância bem grande! E ainda que o pão não fosse parte essencial da alimentação. Ainda que o trabalho de transformar a farinha fria em pão quentinho não fosse de mérito. E ainda que a

falta de pão não nos mexesse a sério no estômago. Ainda que tudo o mais, aquela atitude do nosso padeiro, é por demais digna de nota e louvor.

Dias antes tinha-se falado à Comunidade na responsabilidade do padeiro quando havia falta de pão às refeições. Padeiro, farinha, padaria — razões para que o pão não falte. Mas o nosso padeiro de vez em quando faz «greve»: a preguiça, a distração, a falta de experiência e, por ora, um pouco de incapacidade. Eis as razões. E a malta refila e todos retilamos. Numa casa sem pão... Mas não é o nosso caso.

Hoje, na oração da tarde, falámos da abundância enganadora em que se vai vivendo. Hábitos que se criam, exigências superficiais. Por exemplo, como é difícil de contentar uma criança a quem nada falta! Isto, a propósito de Pal Américo que via a alegria nas papas da manhã, daquele tempo...

As lições do passado dão sempre luz... Não basta não ser cego, mas ter vontade, gosto ou necessidade de ver. E se o presente rompe com o passado, fechando os olhos sem mais? Que virá? Luz ou escuridão?...

Voltemos ao nosso «caso». Soube depois, e com tristeza, que vieram pelo pão. Os tais do estudo. Solução: a fechadura continuará avariada e os que vinham pelo pão serão a guarda nocturna da padaria. Uma alternativa, na responsabilidade da vigilância.

Padre Moura

A que preço é que o Zé das costas largas irá este ano pagar cada litro do precioso líquido?

XADREZ — Enquanto não se faz o dito campeonato interno agrupando todos os desportistas da modalidade, já se disputou uma série de seis vitórias para se conhecerem os pontos fracos do adversário e até que ponto podemos estar à vontade. Assim, depois de onze partidas, disputadas entre os jogadores Barbosa (Karpov) e Cruz (Korchnoi), o primeiro, tendo a seu lado uma forte equipa técnica, saiu vencedor com seis partidas ganhas e um empate; o segundo só teve direito a quatro vitórias. Podia ter tido mais, se o «Karpov» não fosse tão sarrafeiro. Mas paciência, o árbitro não estava em cima do lance. É preciso alertar este tipo de jogadores para a campanha da não-violência no desporto.

De desporto por agora é tudo. Logo que tenhamos mais notícias para dar entraremos em contacto convosco.

PEDIDOS — Também a quem vos escreve coube a «sorte» de ir parar à cama, embora tenha a fama de «indóctil». Uma breve estadia na enfermaria já que mais não podia ser, porque se formava bicha no corredor por não haver camas vagas, nem espaço disponível para as meter. Dizem que «é fruto do tempo!» Será?...

Durante os dias que estive na enfermaria tive a oportunidade de observar algumas faltas de pequenas coisas em que os nossos Amigos nos irão certamente remediar.

Assim, as senhoras da costura lamentam a falta de linhas para coser

a roupa. Quanto a cores não há preferências. Mas não é só. Também elásticos para as cuecas e para as calças de pijama. É ridículo ver os miúdos e também os graúdos a segurar as ditas peças interiores.

Com o ata e desata, as fitas de nastro das fronhas têm-se estragado. É preciso renová-las novamente para que os travesseiros não pareçam uns salpicões desatados.

Finalmente, no que diz respeito à secção de roupas, resta-me pedir os indispensáveis ferros de engomar. Os rapazes da rouparia queixam-se: quando alguém lhes exige a camisa ou as calças bem engomadas, não têm ferros em condições! Perante estas faltas não poderia deixar de pedir aos nossos Amigos mais estes objectos indispensáveis na nossa rouparia. Desde já todos os que trabalham na rouparia agradecem com elevada estima.

Mas não é só na rouparia que há faltas. Também na nossa enfermaria, mais agora que nunca, faz-nos falta um Simposium Terapêutico, mais ou menos actualizado, pois o que cá temos é de 1973 e, qualquer dia, quando menos se espera, ainda se «mata» alguém por engano.

Como estamos na época das gripes precisamos também de Vaporil ou qualquer outro medicamento com as mesmas funções, para a desinfectação do ar molestado da nossa enfermaria, a fim de se proporcionar uma respiração pura.

Por agora não vos peço mais. Despeço-me de vós em nome de toda a Comunidade desejando a todos um Feliz Ano Novo cheio de Paz e Amor.

António José

O livro «CALVÁRIO»

Está a ficar pronto. Já não é sem tempo, mas dificuldades de vária ordem atrasaram a sua ultimização.

É um livro bem ordenado, com 256 páginas e sugestivas ilustrações, no qual P.e Baptista descreve, em tintas fortes, o nascimento do Calvário na Quinta da Torre, em Beire; o «desengano e abandono de onde vêm os moradores»; como «no viver em família os doentes se encontram a si próprios» na Obra; e como ela inquieta.

Páginas vividas nas 24 horas de cada dia, que testemunham a Dor, abrem os olhos a muita gente e, acima de tudo, são páginas de Esperança veiculada na Boa Nova.

Os senhores preparem-se! E logo que haja mais notícias, diremos.

Júlio Mendes

● Mário — um pretito que já aqui foi falado — é agora o companheiro mais directo do Victor. São os mais pequenos da Casa. Ambos ainda não aprenderam a calçar os sapatos. Volta e meia têm que ser chamados à atenção. Victor, às vezes, faz perrices e não quer fazer a troca. Outro dia calhou de ver os dois com o mesmo defeito. Fiz-me de novas quanto ao Victor e só ao Mário mostrei o erro. Enquanto este fazia a troca desandei e pus-me de longe a olhar. Foi então que vi o Victor a descalçar-se e a fazer o que fazia o Mário. E regalei-me de ver este pretito a ensinar o irmão branco — mais atrasado.

● — Fugiram cinco, ontem — foi a notícia que recebi da boca de alguns. Quis saber a história e foi então que tomei conhecimento da odisseia e dos seus protagonistas. Foi o próprio «Fátima», um dos fugitivos já regressados, que me contou:

Ele, o «Cara Rouxa», os dois irmãos Marcolino e Amândio,

SETÚBAL

mais outro pequeno que não me lembro o nome, pensaram fugir assim sem mais nem menos. Foram, atravessando matas, estradas e linhas de comboio. A noite apanhou-os já longe a caminho do Alentejo. Uma noite fria que os fez acordar para a verdade. O estômago também lhes falou: «...e todos resolvemos voltar para trás...»

Nós acreditamos que o que passaram por lá lhes falou e lhes disse mais do que nós lhes pregámos depois.

● Eu tenho ido muitas vezes bater aos guichés da Caixa de Previdência por via de marcar consultas. Desta vez não. Tive medo de sair da cama e recorri à consulta ao domicílio. Fiquei mais doente. Fiquei sim senhores, porque o médico esteve junto de mim menos tempo do que o neces-

sário para que o termómetro dissesse a temperatura. Eu compreendo as crises, mais certas coisas que levam o seu tempo a reformar, mas isto é que não. É a falta de noção da responsabilidade nas consciências que faz as maiores crises. São os «canudos» que se angariam depois do estudo para que cada um se sirva sem sequer pensar nos Outros.

Tive que ir outra vez bater à porta dos Serviços da Caixa a pedir a radiografia. Depois de ter a requisição na mão andei de lado para lado a ver onde

poderia ser mais rápido. Só daqui a quarenta e nove dias. Não protestei apesar das dores. É que durante o tempo que estive à espera ouvi muitos queixumes de pacientes e soube que havia quem esperasse três meses e mais, conforme o órgão afectado. Tantas dores e tantas doenças que nem sequer chegam a ser «descobertas»! Era para não te contar isto por via de ser eu o falado, mas já que sentimos a experiência, põmo-la aqui ao léu para ver se alguém atende os Outros como gostaria de ser atendido. Os senhores desculpem a doutrina ser sempre a mesma, mas eu não sei doutra melhor.

● Ontem era sábado. Eu andava nas obras novas ain-

da por acabar, mas onde existe um quarto de banho espaçoso com água quente. Era dia de barrela. Apesar de nem tudo estar pronto, os mais pequenos já ali vão tomar banho. Eu entrei e vi uma chusma deles. Uma das mães estava e aturava todo aquele banzé. O que mais me regaleou foi ver o Marcolino — uma das prendas que sr. P.e Acílio trouxe do Algarve, este último Verão — de mangas arregaçadas a lavar os irmãos mais pequenos. Ele é o chefe da nossa «batatada», e tenho reparado que ele pega na vasoura e conduz os seus nas limpezas da rua. Uma flor perdida no Algarve vem, e é agora um obreiro na nossa Casa.

Ernesto Pinto

Novos Assinantes de «O GAIATO»

Mais uma procissão deles! Anda por lá gente muito devotada — como esta leitora de Lisboa:

«A semana passada, enviei três vales do correio para assinaturas de O GAIATO a partir de agora, para três pessoas que concordam com a minha proposta de se fazerem assinantes.

Peço que mandem já o próximo número para não perderem a embalagem.»

Notícias do Caramulo:

«Conheço, há muito tempo, a Obra da Rua de que gosto muito e é com alegria que venho colaborar um pouco assinando O GAIATO, que apenas até agora comprava em números soltos sempre que via um dos vossos rapazes.

Agradecendo convosco ao Senhor por tantas maravilhas que ele tem feito através da Obra neste mundo que tanto precisa, peço para que nos faça sempre e cada vez mais abertos e disponíveis para o muito que há ainda a fazer!... E peço a vossa solidariedade na oração por este vasto mundo da doença, tão ignorado e mal compreendido aqui mesmo e por esse País fora...»

São almas que sangram!

Carta cheiinha, da Figueira da Foz:

«Durante muito tempo ia a minha casa um rapazinho com O GAIATO. Comprava-o sempre. Gostava imenso de o ler. Depois... mudei de casa. E, durante algum tempo, fiquei sem ele! Mas ontem, e como sempre, a minha filha foi à Missa. Estavam lá a vender O GAIATO. Como já lhe tinha pedido, quando visse o miúdo, para comprar o jornal, assim fez. Fiquei contente e como ando há muito a pensar em escrever, resolvi-me hoje.

Gostaria que o vosso jornal me fosse reenviado regularmente. Meus pais também gostariam de o receber...»

Como já disse, tenho duas filhas e muito medo do seu futuro, pois actualmente o mundo anda cheio de coisas más e a juventude deixa-se influenciar facilmente. Tentamos educá-las o melhor possível, mas considero que é tarefa muito difícil e só com a ajuda de Deus se conseguirá...»

Mãe consciente e responsável.

Agora, temos o grosso da procissão: Bombarral à cabeça com uma data deles. Mais Caldas da Rainha, Praia de Aguda, Vila Nova de Ourém, Viseu Damaia, Vilar do Paraíso, S. Cosme (Gondomar), Braga, Afi-fe, Vila Nova de Famalicão, Canelas (Gaia), Albergaria-a-

-Velha, Setúbal, Águeda, Oliveira do Bairro, Macinhata do Vouga, Belmonte, Envidados, Porto e Lisboa o movimento habitual, Augusta e Braversweg (República Federal da Alemanha) e Negel (África do Sul).

Júlio Mendes

AQUI, LISBOA!

Cont. da 1.ª pág.

rebento, aflorando nestas páginas temas humanos de actualidade incontroversa, ao serviço de Deus e, logo, dos Homens nossos Irmãos.

Pensando apenas na falta de outros mais capazes, sermos irmãos mais velhos e nunca chefes ou directores, dos nossos Rapazes, procuraremos, no entanto, um empenhamento cada vez mais vivo na consecução do objectivo da Obra, ajudando cada um a encontrar a sua própria consciência, isto é, como diria Pai Américo, «a fazer de cada Rapaz um Homem». Só assim corresponderemos ao que Deus e os Amigos esperam de nós, sem traições ou tibiezas. Ficamos certos, por isso, que os que têm confiado no trabalho que se vai realizando, não faltarão também com o seu compromisso e o seu empenhamento.

Para lá dos aspectos humanos, nas suas múltiplas implicações e facetas, desejáramos pôr este ano ao serviço dos Rapazes, quatro realizações fundamentais: a última casa de habitação, aliás quase pronta; a aquisição de um torno para a serralharia e de uma máquina offset para a tipografia, visando a aprendizagem e a própria subsistência da Casa; e o começo de um funcional e polivalente salão, incluindo fins

gimnodesportivos, tão necessário e desejável, como facilmente se entenderá. Contamos com o nosso próprio trabalho e com a solidariedade de todos, certos que a Providência não nos desampará. As palavras ócas e às pretensões de evidência desejáramos sobrepor o compromisso sério de servir apenas, enquanto, e só, Deus e os Homens nos deixarem.

● São dois irmãos, um de dez e outro de oito. Vieram para nossa Casa há meses, em resposta a um apelo aflitivo de um Pároco das redondezas. O pai, alcoólico inveterado, havia abandonado o lar, para, logo a seguir, ser imitado pela mãe, que deixou várias crianças totalmente desamparadas. Até aqui nada de especial, que é o pão-nosso-de-cada-dia, infelizmente. Mas o que queríamos assinalar era o facto de ter aparecido aqui há dias a referida mãe, a visitar os filhos, trazendo-lhes um cachorro! Deixando aos leitores a elaboração de todas as ilações que o facto comporta, pela sua aberrante estranheza, apenas acrescentaremos que vamos procurar impedir que a Casa do Gaiato venha a ser transformada em Jardim Zoológico! Ele sempre há cada uma!

Padre Luiz

A OBRA DA RUA

Cont. da 1.ª pág.

e a minha iniquidade me prendeu e deixei de ver.

O meu coração abandonou-me.

Compraz-Te, Senhor, em libertares-me.

Senhor, apressa-Te a socorrer-me.

Eu sou pobre, de tudo carecido.

É o Senhor que é solícito de mim.

Meu Auxílio e meu Libertador, meu Deus, não demores.»

Mas a Obra da Rua não é somente uma experiência mística que Pai Américo encetou na peugada dos Santos. É um convite, um polo de atracção: que outros a tomem e a repitam na medida da sua capacidade.

A vida escondida de Pai Américo desabrochou numa acção divina que ganhou corpo, tem expressão, testemunha a revelação de que nasceu, interpela, inquieta os homens, desperta-os para a grande descoberta que a cada um trará a Paz.

«Anunciei a Tua justiça na grande assembleia; não fechei os meus lábios, Senhor, Tu o sabes. Não escondi a Tua justiça no meu coração; disse a Tua Verdade, proclamei a Tua salvação.

Não ocultei da grande assembleia a Tua misericórdia e a [Tua verdade.

Esta é a Obra da Rua: o seu papel humilde, mas válido no drama da Salvação.

Na hora dos seus 39 anos, que a Obra nos diga, a todos os que a fazemos, de dentro ou de fora, esta palavra de alegria e de Paz:

«Exultem em Ti todos os que Te procuram; e digam sempre «Bendito seja o Senhor» os que amam a Tua Salvação.»

Padre Carlos



Director: Padre Carlos
Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa